

5.

Perspectivas

Diante do exposto o grande desafio que as Igrejas cristãs contemporâneas precisaram superar é o autoritarismo. Por meio dessa pesquisa, pode-se concluir que todas as formas de autoritarismo só produzem morte. No entanto, o Espírito Santo de Deus continua agindo na história humana e eclesiástica. Por isso, as Igrejas cristãs precisam ser sinal de vida em um tempo extremamente marcado, pelo menos, por quatro tipos de morte: a física, a emocional, a religiosa e a espiritual. Essas falências humanas constituem a razão da dor, do sofrimento, das angústias de muitas pessoas que se vêem sem estímulo para a vida. A sociedade atual busca desesperadamente sentido para a sua existência. Desse modo, cabe as Igrejas cristãs assumirem a responsabilidade de ser sinal de Deus na terra, promovendo esperança de vida: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8,19). Entretanto, somente pelo Espírito será possível às Igrejas cristãs suportarem e superarem estes tipos de morte e gerar vida abundante (cf. Jo 10,10). Pois, Ele é o princípio vivificante e o espaço vital à concretização da vida. O único capaz de possibilitar aos seres humanos, bem como às Igrejas, colocar em ordem o caos generalizado, como no princípio (Cf. Gn 1,1-3), a fim de experienciarem a novidade, a beleza e a plenitude da vida, que só o Espírito divino pode dar.

Além disso, apenas vivendo *no* e *pelo* Espírito é que as Igrejas cristãs encontrarão uma nova forma de ser Igreja de Cristo no mundo. Uma Igreja mais humana, mais solidária, porém não solitária, capaz de levar as pessoas a estabelecerem novas relações com Deus, com o mundo criado, com os demais seres humanos e consigo mesmas. Uma Igreja que possibilite aos cristãos superarem todas as formas de autoritarismos sem perder a autoridade, contribuindo para a libertação das pessoas do egoísmo e do individualismo humanos que as afastam de Deus e umas das outras, produzindo isolamento e solidão. Dessa forma, levando os cristãos a se abrirem à subjetividade humana,

buscando viver em plena comunhão e harmonia, permitindo a unidade na diversidade, respeitando a liberdade e mantendo a solidariedade, fundamental à condição humana.

Para tanto, faz-se necessário que as Igrejas cristãs superem todos os paradigmas religiosos que foram cristalizados na história do cristianismo, sem necessariamente, abandoná-los. Ao longo da história cristã, foi se estabelecendo um grande paradigma que agora as Igrejas precisarão vencê-lo, a saber: culto-clero-domingo-templo ²⁴⁹. As Igrejas devem ultrapassar os limites que foram impostos por tais paradigmas, abrindo-se para a vivência em sociedade, reinterpretando a espiritualidade sem sedimentar a religiosidade. Pois, algumas pessoas acreditam que basta freqüentar as missas ou os cultos, ir à Igreja aos domingos, confessar-se às autoridades religiosas, pedir e fazer orações, e tudo será resolvido como se fosse “um passe de mágica”. Dessa forma, sem perceber, elas reduzem a fé cristã apenas a ritos sacramentais. Todavia, a realidade demonstra que apenas cumprir obrigações religiosas não produzirá sentido para a vida. Até porque, a experiência religiosa cristã não pode ser vivenciada à margem do seguimento de Jesus Cristo e da Igreja. Sendo assim, o problema, em si, não reside na celebração, na hierarquia, no dia ou lugar em que se busca a Deus. Mas, na *práxis* eclesial que acabou consolidando a forma em detrimento da norma. Entretanto, o fato das Igrejas cristalizarem estes paradigmas, não os invalida. Antes, eles continuam existindo como expressão simbólica da fé cristã. Não obstante, não se deve limitar a ação do Espírito a nenhum paradigma, pois Ele age onde e como quer (Cf. Jo 3,8). Convém ressaltar que os quatro aspectos citados nesse modelo de Igreja são essenciais para a expressão da fé religiosa. O ser humano é, por natureza, um ser simbólico. Ademais, não se pode viver a fé cristã fora do tempo e do espaço. A experiência histórica de Deus só pode ser vivida em comunidade, e em lugares concretos. O clero é importante no sentido de nortear a comunidade cristã a fim de que ela cresça e seja aperfeiçoada em amor (Cf. Ef 4,11-16). Faz-se necessário separar um tempo específico para que as pessoas possam se encontrar e unidas na comunhão, no partir do pão e nas orações (Cf. At 2,42) fazerem a experiência de Deus. Se por um lado, há alguns que alegam que a Igreja não é o templo físico do Espírito e sim as pessoas (1Cor 6,19; 2Cor 6,16),

²⁴⁹ Cf. KIVITZ, *op. cit.*, pp. 37-56.

por outro lado, nenhum indivíduo isolado, mesmo sendo um cristão, constitui a Igreja. Pois, desde a sua origem, como demonstrado ao longo da pesquisa, a Igreja de Cristo consiste em uma assembléia de pessoas, reunidas pelo Espírito (Cf. At 2,1ss). Portanto, a Igreja é formada por pessoas, mas, uma pessoa sozinha não forma Igreja. Além disso, estes aspectos antropológicos são fundamentais para que o ser humano possa experienciar concretamente a fé cristã. Logo as Igrejas cristãs continuarão a coexistir com esses princípios. No entanto, à luz do Espírito Santo e com base no NT, mais do que superados, eles devem ser ampliados. Com efeito, o culto não está mais limitado ao tempo e espaço, mas toda a vida e existência humana, no Espírito, é um culto a Deus e deve ser apresentada a Ele (Cf. Rm 12,1). Tudo o que o ser humano faz deve ser para a glória de Deus (Cf. 1Cor 10,31). Na nova vida em Cristo, o Clero não pode mais ser limitado ou reduzido a um grupo seletivo da hierarquia das Igrejas. Ele deve ser ampliado a todos os crentes, pois todo cristão que recebe o Espírito de Cristo torna-se um sacerdote de Deus e tem a responsabilidade de admoestar e exortar os fracos e abatidos (Cf. Hb 5,1-2; 10,19-23). Justamente, porque Cristo abriu “um caminho novo e vivo, que ele mesmo inaugurou através do véu” (Hb 10,20) para a presença de Deus. Portanto, antes da encarnação do Verbo e do derramamento do Espírito Santo somente o sumo sacerdote tinha acesso ao Santo dos Santos, uma vez por ano. Agora, todos os que crêem em Cristo e experimentaram o novo nascimento do Espírito têm acesso direto a Deus (Cf. Ex 30,10; Lv 16,34; Hb 9,7.25; 10,1). Por essa razão, mais importante que a presença do sacerdote é a presença de um coração disposto a obedecer a Deus (Cf. At 5,29) e disponível para servir. Outra consideração importante é que todos os dias são Domingos, e o Domingo pode acontecer em qualquer dia da semana. Os judeus tinham o hábito de guardar o sábado como dia de descanso e dia de estar na presença de Deus (Cf. Ex 20,8-11; Dt 5,12-15), contudo, Jesus deixa claro que o sábado foi feito por causa do homem (Cf. Mc 2,27). E, em Paulo, é possível ver que tanto o sábado quanto o domingo não passam de um dia como todos os outros dias feitos por Deus, para Deus e para o Homem (Cf. Rm 14,5). Além disso, os primeiros cristãos realizavam as suas reuniões no primeiro dia da semana, por causa da ressurreição de Jesus (Cf. Mc 16,1; Mt 28,1; Lc 24,1; Jo 20,1; At 20,7; 1Cor 16,2). Por fim, o templo foi superado pelo Espírito. Ele não está restrito apenas a um lugar

geográfico. Na verdade, Jesus já havia advertido a mulher samaritana de que não havia um lugar específico para a verdadeira adoração a Deus, ela se concretiza em qualquer lugar, desde que seja em espírito e em verdade (Cf. Jo 4,20-24). Ademais, “o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens” (At 7,48), logo, todo cristão passa a ser habitação do Espírito (Cf. Rm 8,11; 1Cor 3,16; 6,19; 2Tm 1,14). A Igreja de Cristo se faz presente de forma unanime em todos os lugares, não por meio dos templos construídos, mas sim por intermédio das pessoas reunidas, pelo Espírito, em torno dos princípios de Cristo. Pois, nEle “sois co-edificados para serdes habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2,22).

Desse modo, o Espírito Santo aponta uma forma para que as Igrejas cristãs possam superar o autoritarismo religioso e espiritual, sendo sinal de transformação para a humanidade, ultrapassando e ampliando os velhos paradigmas eclesiásticos e se abrindo às novas diretrizes para esse tempo. Assim como no NT, as Igrejas cristãs contemporâneas são desafiadas, pelo Espírito, a viverem para além dos limites da religiosidade. Sobretudo, descobrindo por meio dos pequenos grupos, do discipulado e do cuidado cristão, uma nova forma de ser Igreja permanente e atuante na terra, independentemente, do tempo e lugar.

Talvez, por isso, atualmente, alguns autores cristãos, católicos e protestantes, têm enfatizado a necessidade de uma renovação nas Igrejas cristãs. É urgente a presença de uma Igreja mais *kenótica*, ou seja, uma Igreja que à semelhança de Jesus Cristo (Cf. Fl 2,5-8), esvazie-se de si mesma, tornando-se mais humilde, mais serva. Convém destacar, como bem observou A. Rocha, que as três pessoas da Trindade têm seus episódios *kenóticos* ²⁵⁰, e “a presença do Espírito no corpo de homens e mulheres, fazendo-o sua habitação, é o sinal mais radical do rebaixamento de Deus, de seu esvaziamento, chegando a ponto de poder ser despejado de sua desejada morada” ²⁵¹. Isso é, a *kênosis* trinitária também indica um possível caminho para a superação do autoritarismo eclesiástico e espiritual. O fato de Deus, sendo o totalmente Outro, criar o ser humano para o seu louvor e a sua glória (Cf. Ef 1,6.12); de Jesus, o Cristo, fazer-se carne e habitar entre os seres humanos, assumindo inclusive o pecado e a morte humana sobre si mesmo (Cf. Jo 1,14; 2Cor 5,21; Fl 2,6-8); e do Espírito Santo se

²⁵⁰ Cf. ROCHA, *op. cit.*, pp. 88-98.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 98.

esvaziar de si mesmo para habitar no interior do ser humano (Cf. Jo 14,17; Rm 8,9.11; 1Cor 3,16; 6,19) demonstra que à luz da perspectiva trinitária, deve-se descentralizar o poder hierárquico, isso é, abrir mão do controle eclesiástico rígido, excessivo e autoritário, imposto pela dominação, abrindo-se em direção ao outro a fim de estabelecer novas relações fundamentadas no amor divino. O plano salvífico divino, revelado e registrado nas Sagradas Escrituras, refletem o imensurável amor de Deus, que insiste em amar o ser humano (Cf. Jo 3,16), mesmo quando este ainda estava completamente dominado pelo pecado (Cf. Rm 5,8). Portanto, as Igrejas cristãs não deveriam ter a pretensão de determinar as diretrizes para responder aos anseios da humanidade, como se pudessem deter o domínio sobre todas as situações ou como se estivessem acima de todas as coisas. Ao contrário, iluminadas e guiadas pelo Espírito Santo, elas devem assumir os riscos e optar pela mesma radicalidade trinitária. Conquanto as Igrejas sejam anunciadoras de verdades divinas, elas não são detentoras destas verdades. Dessa forma, elas devem buscar, juntamente com a sociedade estabelecida ao seu redor, descobrir e discernir os rumos do Espírito e decidir em qual direção prosseguir. Elas devem ser sinal de Deus para a humanidade, na medida em que percebem os acontecimentos históricos que assolam e destroem a vida humana e, humildemente, dispõe-se a amar e servir as pessoas, reconhecendo que o Espírito age indistintamente, e contribuindo para que Ele continue a agir em favor da vida, quer pelos meios eclesiásticos, quer através dos movimentos populares.

Por fim, certamente, o caminho para a superação do autoritarismo eclesiástico e espiritual terá que passar por uma eclesiologia de comunhão. Enquanto as Igrejas institucionalizadas, Católicas ou Protestantes, Tradicionais ou Neo-Pentecostais permanecerem medindo forças, elas não serão totalmente Una. Mais do que isso, o próprio Jesus já havia advertido que “todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruína e nenhuma cidade ou casa dividida contra si mesma poderá subsistir” (Mt 12,25). Por isso, nada justifica o proselitismo praticado pela maioria das Igrejas cristãs, bem como, por seus membros. Da mesma forma, é inadmissível que haja disputas, contendias e dissensões no interior das próprias Igrejas (Cf. 1Cor 1,10) e, entre elas. Pois o Espírito que vivifica as Igrejas, convida os cristãos para viver uma vida em unidade e amor, cheios de

ternura e compaixão, com toda humildade e sensível às necessidades uns dos outros (Cf. Fl 2,1-4).

Com efeito, há muito mais na *práxis* cristã comunitária para unir as Igrejas cristãs do que para dividi-las. A comunhão trinitária, a Palavra, o batismo e a ceia do Senhor, estes dois últimos, independente da forma como são ministrados pelas Igrejas locais, constituem elementos que deveriam unir as eclesiologias. A comunhão trinitária porque serve como fundamento para a comunhão eclesial. Pois, assim como o Pai enviou o Filho, o Filho enviou os seus discípulos (Cf. Jo 20,21) e rogou ao Pai para que enviasse o *Paráclitos* (Cf. Jo 14,16,26). Além disso, com a descida do Espírito e, sob a Sua orientação, a Igreja de Cristo foi instituída, concreta e historicamente, na terra. Portanto, a comunhão eclesial deve ser estruturada em conformidade com a comunhão trinitária, sob a iluminação do Espírito. A Bíblia Sagrada porque representa a revelação divina escrita. Inspirada por Deus e iluminada pelo seu Espírito, aponta para a revelação máxima: Jesus Cristo. Ela também é o ponto de partida para qualquer afirmação religiosa cristã, a respeito de Deus. Ademais, o Espírito é o Senhor das Igrejas. Os ritos sacramentais, batismo e ceia do Senhor, estão fundamentados no Espírito com o intuito de identificar e reunir a Igreja de Cristo em todo o mundo, a fim de que os cristãos possam rememorar a nova Aliança e anunciá-la a toda humanidade, até que Cristo venha (Cf. Jo 1,33; 1Cor 11,24-26). Eles não servem para manter uma unidade de forma nas Igrejas, ao contrário, eles existem para permitir a unidade na diversidade. Pois, conquanto haja diferença nas práticas eclesiásticas desses ritos, eles constituem a base de qualquer eclesiologia cristã. Ademais, de acordo com as palavras de Jesus, nem os ritos e nem a forma como eles são ministrados garantem a possibilidade de entrada no Reino de Deus, mas, o novo nascimento do Espírito (Cf. Jo 3,3.5), princípio vivificador e vivificante de qualquer Igreja cristã. Portanto, pode-se dizer que o Espírito concretiza a comunhão trinitária, entre os cristãos, por meio da Palavra, da água e do pão, e somente pela Sua ação é que as Igrejas caminharão em unidade. Além disso, é Ele quem capacita as Igrejas através dos seus carismas, para o aperfeiçoamento dos santos e para a edificação do Corpo (Cf. Ef 4,12), permitindo, ao mesmo tempo, unidade na diversidade e diversidade na unidade. A Igreja de Cristo é Una, porque Deus é uno em si mesmo, apesar da sua revelação e manifestação trinitária. Da mesma forma, as

Igrejas cristãs devem manter a unidade na diversidade, pois “há um só Corpo e um só Espírito (...); há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4,4-6). Talvez, seja oportuno lembrar a célebre frase atribuída a Santo Agostinho: “No essencial, unidade; no não essencial, liberdade. Em tudo o amor”.

Enfim, no Espírito Santo, os cristãos são chamados por Deus para serem seus filhos (Cf. Rm 8,14.16-17; Gl 4,6-7). Todavia, as Igrejas cristãs contemporâneas devem retornar às comunidades cristãs primitivas, para perceber que a comunhão *na* Igreja e *das* Igrejas somente será mantida no Espírito mediante a unidade da fé em Cristo, a permanência no ensino dos apóstolos, a vida comunitária e solidária, aberta e sensível às necessidades uns dos outros, e por meio das orações (Cf. At 2,42-46). Convém ressaltar que as Igrejas não são chamadas para construir a unidade, mas, para conservá-la, porque ela é fruto do Espírito (Cf. Ef 4,3). E, é essa Igreja, concomitantemente, espiritual e humana, humilde e forte, simpática e empática, vivificada e vivificante, plenamente guiada e iluminada pelo Espírito que cairá na graça do povo (Cf. At 2,47).